

GT39: Espiritualidade na Cidade

José G Magnani, Carlos Steil

Há algum tempo, os cientistas sociais da religião têm chamado a atenção para o fato de que o campo religioso está se tornando cada vez menos o campo das religiões. Tornou-se recorrente, nos meios escolarizados urbanos, a afirmação de pessoas que se reconhecem como espiritualizadas, mas não religiosas. Neste mesmo sentido, a interpretação dos dados do Censo/2010, relativos aos 8% dos que se declaram sem religião, tem destacado que esta porcentagem pode abrigar muitas pessoas que têm práticas espirituais fora do enquadramento institucional das religiões estabelecidas. A experiência que temos nos campos da antropologia urbana e da religião mostra que têm sido recorrentes pesquisas etnográficas sobre práticas espirituais e rituais de indivíduos e grupos que se definem em oposição às formas institucionalizadas de presença da religião na sociedade ou que se reproduzem, incorporando o mínimo de organização institucional. Reunir e pôr em diálogo algumas destas pesquisas e estimular o debate sobre a incidência e implicação destas experiências na reconfiguração do campo religioso na cidade, é o objetivo deste GT.

Movimentações em torno de um feminino sagrado: os Círculos de Mulheres em Fortaleza (Ceará) e as novas espiritualidades

Autoria: Raquel Guimarães Mesquita, Cristian S. Paiva

Na cidade de Fortaleza, no nordeste brasileiro, observa-se a partir da década de 2010, uma movimentação em torno de uma espiritualidade feminina que busca resgatar a "força" de um feminino ancestral, ocultado pelo estilo de vida moderno. As mulheres participantes, no geral, brancas, escolarizadas e da classe média, reúnem-se em "Círculos de Mulheres", espaços de fala e escuta que podem se estruturar de modo mais vivencial e ritualístico, com cânticos e danças ou mais "mentais", funcionando como uma espécie de grupo de leitura e estudo. Independente do formato, a noção de que o feminino moderno está ferido e precisa ser curado se repete, marcando esses espaços com a noção de "cura". Além disso, essa espiritualidade também gira em torno das noções de autoconhecimento, expansão da consciência e práticas terapêuticas (esotéricas e tradicionais). No ano de 2019, acompanhou-se seis círculos de mulheres, além de eventos, cursos e workshops relacionados à temática, notando-se que nesses espaços a "religião" é eclipsada pela noção de "espiritualidade", deslocando o sagrado de espaços institucionais para uma vivência mais fluida e extremamente individualizada. Para Guerriero (2006), é notório que as religiões estão em um processo de transformação e um novo campo religioso vem se configurando de modo muito distinto da visão tradicional da religião, ligada à noção de Igreja. Esse novo campo religioso é mais amplo, agrupando expressões e práticas que buscam uma expansão da consciência e uma elevação espiritual, podendo ser identificado como "religiosidade", "espiritualidade", "nova era", "religiões alternativas" ou mesmo "Novos Movimentos Religiosos", como o autor defende. As modificações por que a religião passa não se configura como um movimento organizado e único, mas antes se remete à ideia de mudança como fluidez e contínuo movimento. Na medida que o número de religiões cresce, o sujeito "livre" tem a possibilidade de escolher qual experiência religiosa vivenciar, quais valores aderir, podendo -ele mesmo- fazer múltiplas colagens de crenças e práticas, de modo que dê conta de suas inquietações pessoais. É nesse amplo espectro religioso que situamos as atividades em torno de uma Espiritualidade Feminina que reivindica uma retomada do poder pessoal através do autoconhecimento, do acolhimento da sua natureza sagrada e da cura de um feminino ferido por uma cultura linear e masculina.

[Trabalho completo](#)

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

